

JANEIRO 2026



Revista Digital

Diálogos

TEOLÓGICOS

2026
NO.1

Nesta edição:

MISSÃO

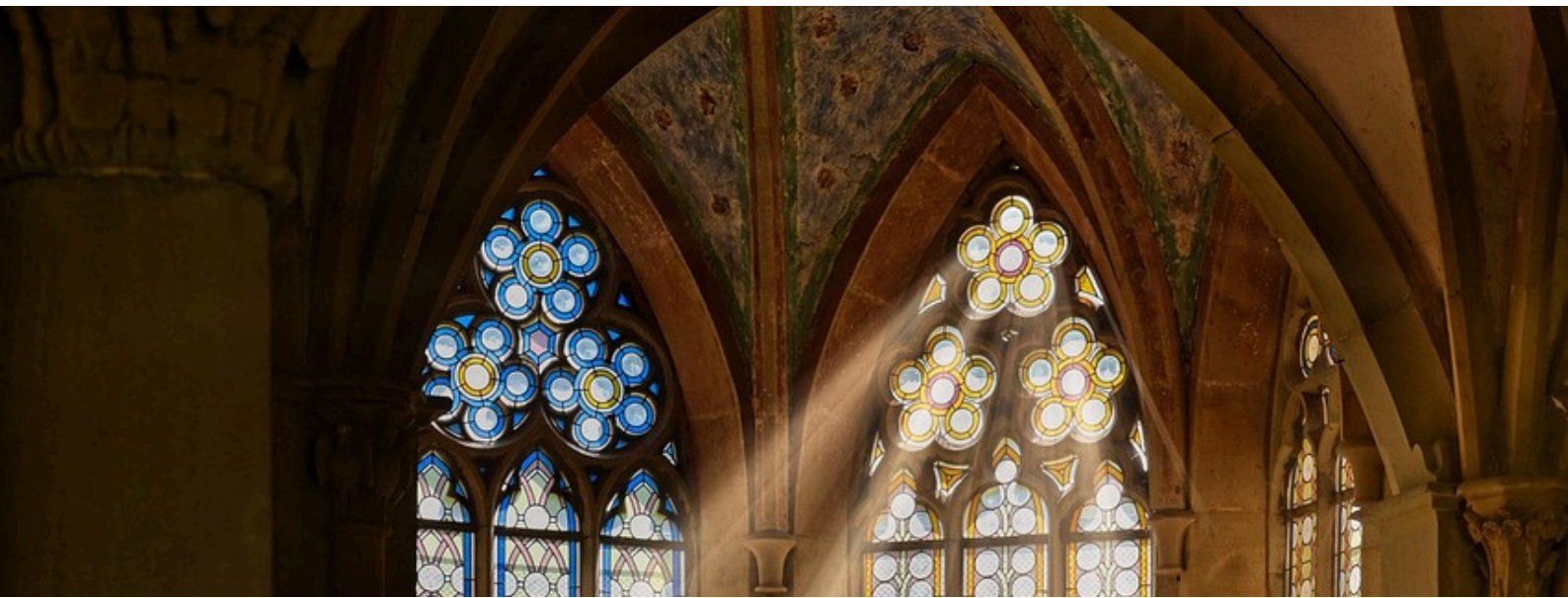
- Parcerias Transformadoras na China: Missionários Estrangeiros e Líderes Autóctones
- Missões entre os ciganos
- Desafios na plantação e revitalização de igrejas

FORMANDO PASTORES TEÓLOGOS

- Uma formação em “linha de montagem” ou uma “vida de discipulado”?
- Crescendo na espiritualidade cristã

TRILHAS FORMATIVAS

- Leitura e Interpretação: uma experiência de todos!
- Leitura, discursos e criticidade: o desafio de ser uma igreja que lê



Editor

F. Maia

Direção de Arte

Equipe *Dialogus*

Fotografia

Equipe *Dialogus*

Conselho Editorial

Adão Freitas

Caio Fábio de Melo

Fernando Maia

Mendes Gimo

A *Revista Digital Diálogos Teológicos* é uma publicação evangélica protestante do **InTeR - Instituto de Teologia Reformada**, de alcance nacional e internacional, voltada aos falantes da língua portuguesa. Trata-se de uma iniciativa independente, não vinculada a nenhuma denominação específica. Seu propósito é promover a reflexão teológica e servir como fonte de inspiração e formação para seminaristas, presbíteros e diáconos, bem como para educadores cristãos, visando à capacitação qualificada para o exercício de seus ministérios e para a atuação responsável nas diversas esferas da vida e da sociedade.

Copyright © 2026
Por Dialogus Editora

Todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por quaisquer meios sem autorização, seja eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, e sem permissão expressa por escrito do autor. Os infratores estarão sujeitos às penas da Lei de Direitos Autorais, Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Cópia não autorizada é crime regulamentado pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Dialogus Editora
Goiânia-Goiás-Brazil

Informações:
dialoguseditora@gmail.com

www.dialoguseditora.org

Colaboradores nesta edição



Caio Fábio de Melo

Caio Fábio de Melo

Pastor da Igreja OBPC-GO;
Teólogo e Advogado;



Carlos del Pino

Carlos del Pino

Pastor da Iglesia Presbiteriana fe y Vida (Espanha); Mestre e Doutor (Phd) em Teologia prática;



Christopher Alves

Christopher Alves

Pastor presbiteriano; Bacharel em Teologia pelo Seminário Brasil Central;



Fernando Maia

Fernando Maia

Teólogo e Historiador; Diretor do InTeR - Instituto de Teologia Reformada;



Matheus De Carli

Matheus De Carli

Pastor na Igreja Batista do Calvário; Especialista em Teologia e Missões urbanas; Mestre em Teologia e Liderança; Diretor da Reach International;



Leandro Tinoco

Leandro Tinoco

Pastor e co-fundador da Igreja Batista do Calvário; missionário na Ásia por 10 anos, formando e organizando agências missionárias; co-fundador da Reach International;



Fernando Maia

EDITORIAL

Formação teológica para viver a vida cristã de forma genuína

Basta observar, por um momento, os colaboradores convidados listados na página anterior para reconhecer que eles pertencem a um amplo contexto de atuação teológica, bem como geográfica. Entre esses ilustres irmãos, encontramos pentecostais e reformados — talvez até mesmo, como já propôs um escritor, um “pentecostal reformado”. Essa configuração é proposital, além de ser claramente providencial. Meu convite se estendeu àqueles que estão próximos de uma realidade que busco para mim mesmo. Quero ser honesto e fiel às Escrituras; anseio amar a missão que Deus legou àqueles que chamou; e desejo, profundamente, ser cheio de Seu Espírito para amar Sua Palavra e cumprir esse chamado soberanamente legado ao povo do qual faço parte; isto é “fazer teologia”!

Não importa se, nesse “santo desejo”, seja eu apenas mais um “utópico” na missão formativa de todo aquele que se encontrou com Cristo. Na verdade, por acreditar que existe uma realidade para além do que meus olhos possam ver, a utopia se reveste de mais significado do que qualquer cético possa questionar, limitado por sua própria visão.

Mas isso não significa que nosso desafio no contexto brasileiro não seja enorme. A utopia não anula a realidade posta, visto que, há muito tempo, tem-se disseminado um evangelho diferente daquele que encontramos nas Escrituras. Em grande parte dos discursos em nosso meio dito evangélico/protestante, a vida cristã é “desenhada” como um simples “rabisco”, cujos limites são pautados apenas nas “coisas desta vida”; e o apóstolo Paulo já havia alertado alguns irmãos sobre essa “dinâmica mundana” (cf. 1Co 15.19).

Resta-nos, então, refletir sobre tudo o que está implicado na peregrinação à qual o próprio Cristo nos chamou a empreender: ir por todo o mundo... ensinando a obedecer às Suas ordenanças! *YHWH* já havia chamado Israel para essa jornada, como lemos no Antigo Testamento. Agora, porém, Ele chama todos os povos por meio da família que forma mediante Jesus. Assim, a reflexão sobre o agir de Deus entre os homens — o fazer teológico — é essencial para que eu e você sejamos genuinamente moldados a partir da perspectiva do próprio Deus, nosso Pai, por meio de Sua Palavra revelada especialmente ao Seu povo. Espero que as leituras seguintes o inspirem a prosseguir nessa maravilhosa e eterna jornada de conhecer a Deus como somos conhecidos. Acredito que este também seja o seu anseio, como é o meu!



04

LER, MEDITAR E VIVER

Leitura e Interpretação: uma experiência de todos!
Por Carlos del Pino

07

FORMAÇÃO TEOLÓGICA

Uma formação em “linha de montagem” ou uma “vida de discipulado”?
Por Matheus De Carli

11

TEOLOGIA PARA CONHECER A DEUS

Crescendo na espiritualidade cristã
Por Caio Fábio de Melo

15

TRILHAS FORMATIVAS EM TEOLOGIA

Leitura, discursos e criticidade: o desafio de ser uma igreja que lê
Por Fernando Maia

20

PENSANDO MISSIOLOGICAMENTE

Parcerias Transformadoras na China: Missionários Estrangeiros e Líderes Autóctones
Por Leandro Tinoco

23

PLANTANDO IGREJAS

Desafios na plantação e revitalização de igrejas
Por Christopher Alves

25

RELATOS DO CAMPO MISSIONÁRIO

Missões entre os ciganos
Por Antônio Marcos Batista



Carlos del Pino

LER MEDITAR VIVER

Leitura e Interpretação: uma experiência de todos!

“Ler é quase tão essencial como respirar!”

“

Se ler é quase tão essencial como respirar o quê, então, poderíamos dizer da interpretação, já que ela é a conclusão inevitável de qualquer leitura? Ao me referir à leitura não a restrinjo ao ato de ler as palavras e frases que compõem um texto escrito. Também me refiro ao conjunto mais amplo da observação humana de fenômenos, situações, propostas, gestos, artes, sons, textos, etc. Enfim, uso o termo “leitura” incluindo toda a observação humana à vida propriamente. E a interpretação de todos os fatos da vida é uma extensão presente e necessária a essa prática humana da leitura.

Partindo dessa realidade, não podemos deixar de concluir que o ser humano é, por definição, um ser leitor e interpretativo de todas as coisas desde que nasce. Poderíamos classificá-lo como “um ser hermenêutico”, visto essa sua capacidade inata e inalienável. Consequentemente, ao ler e interpretar vamos acumulando dados que interpretamos sobre outros dados interpretados previamente, e sempre

com relação ao que vivemos, sabemos, sentimos, experimentamos e nos relacionamos.

Por isso, o processo interpretativo “nunca é a compreensão sem os pressupostos de algo dado”[2]. Dessa forma, vamos entendendo a importância que o nosso contexto pessoal, social, cultural ocupa na leitura e interpretação e, quando nos referimos especialmente à leitura- interpretação da Bíblia, a importância que nela ocupa o contexto da nossa tradição eclesial e teológica. Isso ocorre porque “a interpretação se baseia em concepções prévias, que desenvolvem possibilidades para o que precisa ser compreendido e o faz entrar em uma rede de significados, o que hoje chamaríamos de contexto”[3].

Mas retornemos ao conceito de que todos somos “seres hermenêuticos” e vejamos a sua importância para a fé cristã: se a experiência de leitura- interpretação é sempre universal, inata e alienável, então poderíamos dizer que a experiência de uma leitura-

interpretação da Bíblia seria também universal, inata e inalienável para todos os que creem?

Diante dessa questão, de resposta claramente positiva, acabamos por ser levados a algumas observações pertinentes.

A primeira delas é a necessidade de perguntarmos-nos se essa voz interior que ouvimos durante a leitura da Bíblia é de fato a voz de Deus, dado que o contexto de significados acumulados ao longo da vida, seja religiosa ou não, exerce um papel importante no processo de interpretação e aplicações. Por isso, reconhecemos que “o perigo de confundir a Palavra de Deus com a nossa interpretação dela é real”[4]. Assim, devemos estar atentos aos processos hermenêuticos para comprovar sempre se é a voz de Deus o que escutamos no nosso interior, fortemente determinado pelos significados próprios. Tournier nos alerta dizendo que “devemos ver se ouvimos a voz de Deus ou a de Satanás, a do nosso inconsciente ou a das ambições pessoais, orgulhosas e egoístas”[5].

Em segundo lugar, como corolário da presença dos nossos significados de vida na leitura-interpretação da Bíblia, reconhecemos a inevitável presença da pluralidade interpretativa. Não nos referimos ao conceito filosófico do pluralismo interpretativo que prega que as escolhas pessoais se tornaram em um valor em si mesmas, inclusive

em prioridades, considerando-se intrinsecamente superior a qualquer outra. Postura inegavelmente equivocada.

Nesse sentido, o pluralismo se estabelece como único credo e verdade absolutos, não permitindo que sigamos o caminho natural da interpretação bíblica. Mas não me refiro ao pluralismo e, sim, à pluralidade, ou seja, “à crescente diversidade que existe na nossa cultura”[6].

Dessa forma, se por um lado rejeitamos a atual imposição dogmática do pluralismo predominante sobre a interpretação cristã da palavra de Deus, por outro lado, celebramos a sabedoria da pluralidade interpretativa e as possibilidades que ela nos oferece de ampliar a nossa perspectiva sobre Deus e sobre nós mesmos. Reconhecemos que existem inúmeras interpretações sobre o mesmo texto bíblico feitas por pessoas genuinamente cristãs e por comunidades (igrejas, denominações) cristãs legítimas. Também sabemos que essas diferentes interpretações e conclusões produzem uma variada gama de tradições e sub-tradições teológicas. Por um lado, essa grande pluralidade de interpretações e tradições geram disputas, confrontos e separações. Mas, e se em lugar de disputas produzissem oportunidade de diálogo, reflexão e crescimento? A isso se refere Vanhoozer ao usar o termo

“pluralidade interpretativa unificadora”[7]. Este é, de fato, um aspecto que devemos considerar seriamente.

A terceira observação tem a ver com os diferentes preconceitos que carregamos com os significados pessoais que levamos para dentro da nossa leitura-interpretação da palavra de Deus. Este aspecto tem muito que ver com a tendência de uma aproximação intuitiva da Bíblia que tem sido generalizada na experiência de leitura-interpretação bíblica de muitos cristãos: chegamos ao texto não apenas com os nossos significados pessoais, mas também com a certeza de que “não temos que interpretar a Bíblia, basta lê-la e fazer o que ela diz”[8], como se ela “tivesse sido escrita por um único autor humano e em circunstâncias históricas iguais às suas próprias” [9].

Frequentemente, esse pré-entendimento ou “bagagem mental-emocional não negociável”, que pode ser intuições pessoais, significados adquiridos, tradições teológicas ou uma mescla de tudo isso, produz o “canon fora do canon” que implica em uma espécie de determinismo na compreensão de um texto. Por outro lado, há também um “canon dentro do canon”, uma espécie de restrição a um determinado grupo de textos bíblicos que desconsidera tanto a totalidade

como a textualidade que compõe o texto sagrado.

Hoje apenas começamos o nosso caminho de reflexão sobre esse assunto tão sério. Outros temas virão nas seguintes edições da revista. Te convidamos a seguir-nos! Deus te abençoe!

—————”

Referências

1. J. M. Borja, *Lectura: una experiencia crucial*, 251.
2. R. Rodríguez, *Hermenéutica y Subjetividad*, 36.
3. F. Romo Feito, *Hermenéutica, Interpretación, Literatura*, 39-40.
4. K. J. Vanhoozer, *Autoridade Bíblica Pós-Reforma*, 131.
5. P. Tournier, *Aprendiendo a Envejecer – El Hombre y sus Posibilidades*, 230.
6. D. A. Carson, *Amordazando a Dios*, 13.
7. K. J. Vanhoozer, *Discipulado para a Glória de Deus*, 228.
8. Fee, Stuart, *How to Read the Bible for All its Worth*, 13.
9. Padilla, *Missão Integral - Ensaio sobre o Reino e a Igreja*, 94-95.

FORMAÇÃO TEOLÓGICA



Matheus De Carli

Uma formação em “linha de montagem” ou uma vida de discipulado?

“

Vivemos em uma época onde a formação de líderes e teólogos muitas vezes segue a lógica da indústria: eficiência, produtividade e padronização. Cursos rápidos, certificações online e uma busca por resultados numéricos têm moldado a maneira como igrejas e seminários formam suas lideranças. Mas seria essa a maneira bíblica de formar servos de Deus? Ou será que precisamos resgatar uma visão mais profunda, mais encarnacional — como a de Cristo com seus discípulos — de que formação verdadeira é, antes de tudo, uma vida de tanto ser discípulo quanto fazer discípulos?

O Que é “Formar” Alguém?

A etimologia da palavra nos dá uma dica. A palavra “formar” tem origem no latim *formare*, que significa “dar forma a”, “modelar” ou “moldar”, sendo derivada de forma, termo que denota “figura”, “aparência externa”, “molde” ou “configuração”. Assim, originalmente, “formar” significava atribuir uma forma a algo que antes

não a possuía, podendo referir-se tanto a um aspecto material — como um artesão moldando o barro — quanto a uma dimensão imaterial, como o processo de formação do caráter de uma pessoa. Sendo assim, “formar” é mais do que transmitir conteúdo. É moldar o caráter, orientar o coração e treinar as mãos. É um ato pedagógico integral, que envolve tanto o intelecto quanto a vontade e o afeto. Na tradição bíblica, a melhor palavra para formar é discipular. Jesus não formou líderes com base em apostilas, mas em convivência, correção, exemplo e missão (Marcos 3.14).

No Antigo Testamento, Moisés forma Josué não apenas com palavras, mas por meio da presença constante (Êxodo 33.11). Paulo, no Novo Testamento, descreve sua relação com Timóteo como a de um pai com seu filho (2 Timóteo 1.2). Formar, portanto, é viver com, mais do que simplesmente ensinar a. É buscar profundidade de jornada, trilhar uma “longa caminhada na

mesma direção”. Esse padrão se repete em outras histórias da Escritura. Eli discipula o jovem Samuel, ensinando-lhe a ouvir a voz do Senhor (1 Samuel 3.8-10), mesmo em meio à decadência espiritual de Israel. Elias prepara Eliseu não com aulas teóricas, mas com vida partilhada e ministério conjunto (2 Reis 2.1-15). Já no Novo Testamento, além de Timóteo, Paulo também discipula Tito, chamando-o de “meu verdadeiro filho na fé comum” (Tito 1.4), e envia homens como Tíquico e Epafrodito como extensões do seu próprio ministério (Efésios 6.21; Filipenses 2.25-30). O próprio Jesus teve também um círculo mais íntimo — Pedro, Tiago e João — com quem compartilhou momentos de profunda revelação e dor (Marcos 5.37; 9.2; 14.33). Em todos esses casos, vemos que discipulado não é evento, é convivência. Não é somente transmissão de informação, é modelagem de caráter em meio à vida real.

O Problema da Formação Baseada em Diplomas

Diplomas não garantem integridade, zelo, nem vida de oração. Pelo contrário, muitas vezes se tornam trampolins para o orgulho espiritual, endurecendo o coração e substituindo a dependência do Espírito por autoconfiança

acadêmica. A heresia do intelectualismo, embora sutil, é letal: ela sussurra que basta conhecer conceitos, decorar sistemas e dominar línguas originais — como se erudição fosse sinônimo de espiritualidade. Mas o Evangelho não é uma tese a ser defendida; é uma cruz a ser carregada.

Esse problema nasce de um modelo contemporâneo de formação onde o parâmetro de sucesso deixou de ser os frutos do Espírito e passou a ser o impacto visível, os números, a capacidade de atrair e mobilizar multidões. Com isso, formamos professores sem vida de oração, pastores sem piedade, teólogos sem lágrimas. O relacionamento, que deveria ser o coração do ministério, torna-se apenas um meio para atingir metas. O que era para ser discipulado se transforma em estratégia de engajamento. O rebanho se torna público-alvo, e o púlpito, uma plataforma de performance.

A formação meramente acadêmica corre o grave risco de produzir líderes ortodoxos no papel, mas estéreis na prática. Gente que pode até ensinar sobre a santidade de Deus, mas que já não chora mais em oração. Que sabe exegese, mas desconhece a intimidade com o Senhor. Porque há uma diferença

imensa entre saber sobre Deus e conhecer a Deus. Muitos possuem títulos, mas poucos têm marcas de cruz. Como alertava Richard Baxter: “Um ministro sem piedade é um instrumento afiado nas mãos do diabo.” É possível ter uma biblioteca cheia de bons livros e um coração vazio da presença de Deus.

E aí vem a grande questão: o que fizemos com o modelo bíblico de discipulado, ou a formação com base em nosso Mestre Cristo Jesus?

Pare para pensar como Cristo fez. Ele não apenas ensinou como um mestre distante — Ele viveu com seus discípulos, os chamando de “amigos”. Ele os chamou para “estar com Ele” (Marcos 3.14) antes de enviá-los. Seu método era relacional, paciente e gradual. A vida era o próprio currículo. As crises, as dúvidas e até os fracassos (como o de Pedro) eram oportunidades pedagógicas de formação.

Logo, a formação cristocêntrica não produz “funcionários da fé”, mas imitadores do Mestre. Jesus formou homens para servirem e sofrerem, não apenas para liderarem. A formação à imagem de Cristo implica cruz, renúncia e obediência — elementos ausentes numa formação meramente técnica.

Pastores e Teólogos: Podemos Separar?

Devemos então parar de estudar e focar só na oração? Claro que não! Como posso me relacionar em oração com alguém cujo caráter eu desconheço? Conhecer a Deus em profundidade é o que dá sentido e vida à oração.

Mas, infelizmente, hoje vemos uma separação cada vez mais comum: teólogos trancados em suas torres acadêmicas, falando difícil para poucos, e líderes pragmáticos, guiados por números e resultados. Essa divisão é prejudicial. A tradição reformada — especialmente os puritanos — sempre deixou claro: conhecimento e piedade devem andar juntos, lado a lado.

Se, como disse o próprio Jesus, nossa tarefa máxima é amar o próximo como a nós mesmos, então não podemos fazer nosso trabalho com mediocridade. Jordan Raynor, no livro *Maestria*, acerta quando diz: “Como cristãos, não podemos dizer que amamos o próximo e, ao mesmo tempo, fazer nosso trabalho de qualquer jeito.” Logo, se somos pastores e temos a chance de mergulhar nos tesouros da Palavra e da teologia bíblica — mas escolhemos não fazê-lo — estamos prestando um desserviço. À Igreja. Ao próximo. E ao próprio Deus.

Essa separação entre pastor e teólogo não deveria existir. O teólogo precisa ter joelhos calejados. E o pastor, mente afiada. Os dois deveriam ser como ímãs: se atraindo, se completando e caminhando juntos na formação de líderes que sejam ao mesmo tempo, firmes na doutrina e cheios do Espírito.

O Modelo Puritano: Conhecimento e Piedade

Os puritanos, como John Owen, Richard Baxter e Jonathan Edwards, buscavam unir profundidade teológica com santidade de vida. Eles criam que um teólogo frio era uma contradição, assim como um pastor que se dedicava à oração sem doutrina era perigoso. Edwards dizia que a verdadeira religião consiste “principalmente nos afetos santos”.

A formação ideal é, portanto, aquela que faz de um homem tanto um amante da verdade quanto um servo de Cristo. Não se trata apenas de saber exegese, mas de viver como alguém que foi transformado pela Palavra e assim passa a dizer como Paulo: “Sejam meus imitadores, como sou de Cristo”, e a conduzir pessoas para as duas principais funções do cristão: ser discípulo e fazer discípulos.

Considerações Finais

Formar pastores e teólogos não é construir uma linha de produção para a igreja. É um processo artesanal, relacional e profundamente espiritual. O modelo não é a universidade moderna, mas o discipulado de Jesus. Que possamos recuperar uma visão bíblica e reformada de formação — onde a teologia se ajoelha, e a liderança lava os pés.

”



Caio Fábio de Melo

TEOLOGIA PARA CONHECER A DEUS

Crescendo na espiritualidade cristã

“

Conhecer as Escrituras a partir de um curso de Teologia pode soar estranho para muitos. Uma das marcas do movimento pentecostal é o amor e intimidade exclusivos com a Palavra de Deus. Depois que o Espírito Santo abre nossos olhos, capacitando-nos a conhecer, meditar e contemplar a vontade revelada de Deus, somos transformados dia a dia, contínua e progressivamente, de fé em fé, de glória em glória.

Não existe outro concorrente literário à altura a ser lido. Para muitos, ler outra coisa além das Escrituras não passa de extravagância ou simples perda de tempo. Os demais livros não passam de notas de rodapé das Santas Escrituras.

Talvez essa seja a impressão imediata para muitos cristãos que se denominam pentecostais. O batismo nas águas de fato é uma experiência única e transformadora. Ser batizado no Espírito é uma experiência incrível, arrebatadora, em que participamos ativamente do poder derramado dos céus que transborda

no mundo com o testemunho para edificação do Corpo de Cristo e para salvação dos pecadores.

A experiência pentecostal se parece com aquelas experiências sobrenaturais, rica de percepções e sensações que marcaram o ministério dos profetas. Às vezes nos identificamos profundamente com aquela visão do profeta Ezequiel, quando chamado por Deus, no capítulo 3:1-3. Literalmente devoramos a Palavra e até nossos ventre e entranhas começam a glorificar a Deus.

Mas, então, por que fazer um curso de Teologia para conhecer as Escrituras, se o próprio Espírito Santo nos revela, de forma direta, qual a vontade de Deus para nossas vidas (I Coríntios 2:6-16) pela simples meditação ou sincera recordação, devota e piedosa da Palavra de Deus?

Simples! Basta dizer que não somos Jesus (sério?!), apenas agentes Dele

aqui na terra. Dessa forma, nossa experiência existencial, histórica, doutrinária, eclesial e missional com as Escrituras precisa ser conhecida para orientar, esclarecida para ensinar, transmitida para reproduzir e renovada para influenciar as próximas gerações, sob pena de cair no esquecimento.

Assim, não tendo do que se envergonhar e manuseando bem a palavra da verdade (I Tm 2:15) poderemos, de fato, desfazer as sutilezas do engano, a influência insidiosa de doutrinas malignas (I Tm 4:1-2) e destruir argumentos e toda pretensão que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo e estando prontos para punir toda desobediência ao mesmo tempo, em que buscamos uma completa submissão (II Coríntios 10:3-5).

A vocação de um líder ou de um ministro do evangelho é mais grave, séria e relevante do que qualquer outra profissão secular, pois prepara as pessoas para serem salvas e santificadas para a vida eterna. Logo, todo preparo ministerial é pouco! A legitimidade ministerial é reconhecida quando conhecemos corretamente, tanto as Escrituras quanto o poder de Deus.

Não só o poder, nem somente a Palavra! Se conhecermos bem as Escrituras e o poder de Deus, não iremos errar (Mt. 22.29) ou corrigiremos mais rápido nossa rota ministerial, pelo menos.

As parábolas são mistério para as multidões, as profecias, quase sem sentido para aqueles ouvidos e olhares desatentos. Mas toda sabedoria de Deus falada em mistério precisa ser bem compreendida e fielmente transmitida por aqueles que buscam ao Senhor na intimidade, procurando servir ao Reino de Deus com suas vidas e com toda a sabedoria que vem do alto.

Sem uma reflexão teológica adequada, bem orientada e bem conectada com a eternidade, sua experiência de fé e legado ministerial ficarão ameaçados, podendo ser enterrados com seu corpo no dia da morte.

E, pior, corre-se sério risco de a liderança que nos suceder reproduzir os mesmos erros cometidos no passado ou de simplesmente se esquecer do que inspirou as boas práticas dos líderes que se foram. Salvo se um bom trabalho de discipulado pessoal seja realizado, alguém diria. Mas como desenvolver um serviço de discipulado eficaz, sem um conhecimento aprovado de

Deus e de sua Palavra, acompanhado por uma vida coerente de intimidade e frutificação genuínas?

Dito isso, o que seria, então, uma teologia a partir de uma experiência pentecostal?

Bom, basta lembrarmos que o movimento pentecostal moderno teve sua origem em uma Escola, quando o ministro Charles Fox Parham (1873-1929) lecionava na Escola Bíblica Betel em Topeka, Kansas nos Estados Unidos. Era 1º de janeiro de 1901. Enquanto ele ensinava a Santa Escritura, a irmã e aluna Agnes Ozman fora cheia do Espírito Santo e começou a falar em outras línguas. Naquela noite, todos foram batizados com Espírito Santo.

A partir desse dia o movimento se disseminou, até chegar a Los Angeles, onde o pastor William Seymour recebeu a promessa em 1906 que o revolucionou. Desde então, a ação do Espírito Santo, semelhante ao que ocorreu em Atos 2:1-8, se espalhou atraindo cristãos do mundo todo.

Já com raízes em solo brasileiro, não é de se admirar que o missionário Manoel de Mello (1929-1990), fundador da Igreja O Brasil para Cristo, primeira Igreja Pentecostal e de origem brasileira (1956), tivesse

uma clara percepção e consciência da importância do aprendizado teológico para o futuro do seu Ministério.

Nascido e criado no sertão de Pernambuco e com seus 11 para 12 anos de idade, Manoel de Mello já falava em línguas estranhas e as interpretava, além de receber o dom de palavra de conhecimento e de visões espirituais, quando começou a ser conhecido como evangelista e como jovem pregador do evangelho. E mesmo já tendo recebido o batismo no Espírito Santo e não poucos dons do Espírito Santo, caminhava todas as noites por cinco quilômetros para ter suas primeiras lições de teologia com um pastor e teólogo que morava nas proximidades, aprendizado esse que durou seis anos, num tempo em que a instrução formal era praticamente inacessível e ainda não era uma exigência para exercício do ministério nas igrejas pentecostais da região.

Era pedreiro e mestre de obras, porém aprendeu cedo a conciliar a vida profissional e a ministerial. Os familiares e amigos de ministério mais próximos diziam que o missionário lia muito sobre diversos assuntos e estudava a vida de homens como John Wesley, Dwight L. Moody, Charles G. Finney, Jonathan Edwards e outros que revolucionaram suas épocas através

de avivamentos espirituais, querendo de alguma forma descobrir os hábitos e práticas desses homens para proveito de seu próprio ministério.[1]

Com esses exemplos, é de se ressaltar que o conhecimento e poder do Evangelho não surge do nada, não desce de forma mágica dos céus deitando suas raízes sobrenaturais em nosso coração sem que o conhecimento dele passe por nossa mente e ilumine nossa inteligência, tampouco entra em movimento mecanicamente quando somos batizados nas águas ou no Espírito Santo, mas é gerado e edificado com um sincero, humilde e determinado desejo de conhecermos a Deus por uma busca contínua e crescente.

Existem 20 séculos de história da Igreja e da teologia cristã que precisamos conhecer ou pelo menos ter um bom conhecimento conciso sobre, para não ficarmos presos nas modas do presente ou sermos esquecidos na poeira do passado. Precisamos ser sal e luz no mundo, lembrando do passado, vivendo no presente e olhando para o futuro, em todas as gerações, até que Ele volte.

—————”

[1] MELLO. Valéria A. de. Missionário Manoel de Mello - vida e obra. 3ª Ed. Editora OBPC. 2023, p. 13-21.



Fernando Maia

TRILHAS FORMATIVAS

Leitura, discursos e criticidade: o desafio de ser uma igreja que lê

“

Já há algum tempo, tenho me dedicado ao estudo e à análise dos “discursos” que ouço em diversos ambientes dos quais participo. Esses “lugares” geralmente são comuns a todos nós, como a família, a escola, a faculdade, a igreja, a vizinhança e até mesmo o ambiente virtual da internet — por meio das redes sociais ou canais do YouTube, sejam eles de direita, centro ou esquerda — quando se propõem a discorrer sobre política ou, ainda, quando tratam de filosofia, religião, formação intelectual e tantos outros temas que podemos apreciar.

Entretanto, devemos atentar para o fato de que “ouvir/ler” é perigosamente formativo! Desde a infância, somos como “esponjas”. E, embora deixemos de absorver com tanta intensidade à medida que envelhecemos, tornamo-nos mais seletivos — ou, ao menos, é o que imaginamos. Com frequência, porém, essa seletividade não é tão criteriosa quanto supomos, nem se

dá da maneira como realmente deveria ocorrer.

Uma das premissas básicas da Análise do Discurso afirma que **“em tudo que se diz, está o que não se diz”**. Em outras palavras, um discurso carrega significados que nem sempre são perceptíveis nas linhas explícitas, mas que se revelam nas entrelinhas. Isso demonstra que todo e qualquer pronunciamento — seja uma fala, um texto ou uma proposição — apresenta uma camada superficial, que ouvimos ou lemos diretamente, e outra mais profunda, que exige interpretação e sensibilidade aguçada para ser compreendida.

Essa “mensagem mais profunda” pode ser identificada quando compreendemos o que fundamenta o discurso. Normalmente, suas bases são percebidas na “visão de mundo” expressa pela fala, e essa maneira de perceber a realidade nos revela as “fontes das quais o interlocutor bebeu” para chegar às conclusões que o discurso expõe, defende ou denuncia.

Isso confirma que ouvir e ler não é tão simples assim — além de ser, progressivamente, desafiador!

Observe que, até aqui, apresentei superficialmente algumas temáticas importantíssimas para nossa reflexão, como, por exemplo, “o discurso”, “a leitura de mundo” e “o critério” — todas elas diretamente ligadas ao ato de ouvir/ler*. Esses conceitos nos formam de diversas maneiras e, por esse motivo, devemos atentar de maneira responsável, evidentemente, ao processo imperceptível para grande parte das pessoas.

Bem, nosso assunto nesta “primeira conversa” é apenas um: **a importância da leitura para uma igreja local**. Assim, essa breve introdução sobre a dinâmica da formação de um indivíduo já nos fornece muito sobre o que refletir. Entretanto, começemos apenas com a “leitura”, por enquanto.

Todo ambiente formativo inicia-se com a leitura — mas não necessariamente a leitura das letras, palavras, frases ou textos mais longos, e sim das experiências que vivemos.

Um exemplo claro dessa dinâmica é que, quando crianças, líamos nosso entorno pelo tom exato da voz de nossos pais ou familiares.

Percebíamos se estavam zangados ou felizes pela intensidade da voz, pelo olhar e até mesmo pela expressão corporal. A verdade é que já sabíamos ler!

Evidentemente, não somos mais crianças e, assim, a responsabilidade de ler e entender se torna maior a cada ano de nossa breve existência debaixo do sol. Como as demandas de uma criança são bem diferentes das de um adulto, “ler o tom de voz e/ou a expressão corporal” já não é tão prioritário assim. Os desafios são outros: trabalho, estudo, família e responsabilidades financeiras tomam o lugar do “maravilhamento” com o mundo e da busca de sentido para viver nele — tão naturais a um infante que procura entender seu próprio mundo.

Ao refletir sobre essa dinâmica existencial — uma criança que procura compreender seu lugar no mundo e um adulto que busca dar sentido à sua existência nele —, não podemos deixar de vinculá-la ao chamado da igreja nesse mesmo mundo em que crianças e adultos vivem. Sempre que penso sobre — ou ouço — a palavra “igreja” em alguma conversa, em minha mente se forma a imagem de “ajuntamento, família, comunidade”. E, se você não sabe, é exatamente isso que o termo significa! Talvez você até já tenha ouvido alguém dizer que “igreja”

* Para o propósito desse ensaio, ouvir/ler são considerados sinônimos visando ampliar o alcance etário.

(*Ekklesia*) significa “chamados para fora”. De fato, há esse aspecto no termo. Entretanto, o “chamados para fora” dizia respeito, na Grécia Antiga, aos cidadãos de determinada cidade (*polis*) que eram convidados a participar de uma reunião (ajuntamento/assembleia) na praça pública (*Ágora*) para tratarem de assuntos importantes concernentes à vida da comunidade local.

Assim, esses cidadãos chamados à praça pública para tratar de questões relevantes à vida comum da cidade eram aqueles que possuíam capacidade para colaborar com o bem dessa comunidade. Eram os *politikós* (πολιτικός).

Mas, em nosso contexto, como um indivíduo pode, de fato, contribuir e cooperar para o benefício de um grupo de pessoas — seja esse grupo um país, uma cidade ou, mais especificamente aqui, uma comunidade de fé local, ou melhor dizendo, uma igreja?

Várias respostas podem ser dadas a essa pergunta. Entretanto, todas elas passam, necessariamente, pela aprendizagem como consequência da prática da leitura. Uma igreja que lê é uma igreja que se prepara para dar respostas às demandas de um mundo caído!

No início de nossa reflexão, fiz uma afirmação: **“Ler/ouvir é perigosamente formativo”!** Se há perigo na leitura que empreendemos, devemos e necessitamos urgentemente aprender a ler melhor e de forma constante. Assim, proponho a seguir uma diretriz — um passo a passo inicial — de como ler mais e melhor. Que tal? Vamos lá?

Primeiramente, você deve vencer a barreira da “falta de vontade de ler”! É bem comum ouvirmos pessoas dizendo que não gostam de ler. Quando escuto esse tipo de declaração, a primeira questão que surge em minha mente é: como ela passou anos na escola e não aprendeu a gostar de ler? Na verdade, não fico admirado como alguém que aprendeu a gostar de ler nos anos de formação fundamental ou do ensino médio! Eu, por exemplo, comecei a gostar de ler com mais profundidade quando estava na minha primeira graduação.

Sabe como aprendi a apreciar a leitura? Quando me forcei a ler (tá bom, talvez tenha sido o professor que me forçou... confesso!). Foi também quando percebi que a leitura é uma importante ferramenta de aprendizagem. ***E aprender é muito importante!***

Entretanto, quando percebo que muitos cristãos não aprenderam a gostar da leitura e a apreciar os bons momentos com as páginas de um livro, penso sobre o que eles fazem com respeito à leitura da Bíblia! Deus, nosso Senhor e Pai, decidiu, em Sua soberania, revelar Seu Ser à humanidade de maneira especial através da palavra escrita! Entender essa verdade muda tudo! Imagine alguém que não tem apreço pela leitura, mas diz amar a Deus e Sua Palavra; essa declaração não pode ser coerente! Então, pratique a leitura diariamente! Você não precisa começar lendo uma hora por dia; comece com 10 ou 15 minutos, mas leia! Torne essa prática comum em sua vida e logo perceberá que não será mais tão penosa como no início.

Em segundo lugar, priorize a leitura diária das Escrituras Sagradas. Absorva ao máximo tudo o que o texto bíblico ensina, mas, claro, lembre-se do cuidado que devemos ter ao ler a Bíblia, apontado pelo pastor Carlos del Pino (no primeiro artigo desta edição), para não chegarmos ***“ao texto não apenas com os nossos significados pessoais, [e] também com a certeza de que ‘não temos que interpretar a Bíblia, basta lê-la e fazer o que ela diz’.”***

Ao recapitular o que aprendemos

até aqui, podemos dizer que aprender a gostar de ler é o primeiro passo; priorizar a leitura bíblica é o segundo; mas, como percebemos nas palavras de nosso irmão del Pino, é necessário e essencial saber interpretar. Agora, que tal uma “tarefinha para casa” até nossa próxima conversa?

Em minha casa, fazemos a leitura cronológica das Escrituras todo ano. Em paralelo, lemos outras literaturas ou selecionamos alguns livros da Bíblia para estudar; neste ano de 2026 estamos estudando as cartas de Paulo. Como já iniciamos o ano de 2026, você pode desenvolver a prática da leitura cronológica da Bíblia e também ler um capítulo de Provérbios todos os dias, por exemplo.

Essa dinâmica pode se desenvolver assim:

1º Leia o capítulo e marque as afirmações que você percebe ter certa dificuldade em compreender ou praticar. Por exemplo, tomemos o capítulo 1 de Provérbios. Nos versos 1 a 4, compreendemos que o autor é Salomão, filho de Davi e rei de Israel. Ao lermos essas afirmações, algumas perguntas surgem, tais como: quem foi Salomão exatamente? Onde posso aprender mais sobre ele? Respondendo a essas questões iniciais, podemos aprender sobre Salomão na própria Bíblia e em comentários sobre os livros que ele escreveu.

Uma segunda questão seria: qual o propósito desses provérbios exatamente? A resposta está dada no próprio texto, nos versos 2 a 4: ***“Eles ajudarão a experimentar a sabedoria e a disciplina, e a compreender as palavras que dão entendimento; a viver com disciplina e sensatez; fazer o que é justo, direito e correto; ajudarão a dar prudência aos inexperientes e conhecimento e bom senso aos jovens.”***

A partir dessa resposta, podemos refletir sobre nossas próprias dificuldades. Assim, eu poderia me questionar: ***em minha vivência diária, sou alguém que busca viver com sabedoria? O que exatamente significa ser sábio? Sou uma pessoa que desenvolve a disciplina necessária para viver com dedicação ao Senhor?*** Para além dessas questões, poderia me questionar ainda: ***sou alguém que busca o que é justo, direito e correto?***

2º Ore sobre o que percebeu como direção da Palavra do Senhor para sua vida. ***Ler, fazer perguntas ao texto, refletir sobre essas questões e orar a respeito delas diz muito sobre como você tem vivido a vida cristã!***

Algumas considerações finais:

Até aqui, enfatizamos a importância

da leitura da Bíblia, pois, se tivermos uma leitura mais abrangente da história que as Escrituras nos apresentam, assim como absorvermos os fundamentos essenciais contidos nessa história — ***ou seja, os fundamentos doutrinários que a Bíblia nos revela, como, por exemplo, quem é Deus; quem é o Espírito Santo; quem é Jesus; o que é ser Igreja de Jesus; o que é a fé em Cristo e suas implicações*** — teremos condições de “ler o mundo” ao nosso redor a partir desses fundamentos, já que eles são ***A Verdade de Deus para o ser humano***. Evidentemente, há muito mais envolvido na leitura do que apenas um “passo a passo” direcionado ao nosso devocional diário. Mas penso que esse seja o caminho inicial mais saudável para um cristão que busca viver uma vida piedosa segundo as Escrituras.

A ideia de uma “trilha formativa” é exatamente esta: primeiramente, aprendemos sobre o que Deus está fazendo na história humana por meio de Sua Palavra revelada; depois, observamos como o mundo anda distante de Deus e quais desafios surgem nessa “dinâmica” rumo ao caos; para, então, entendermos quais respostas, como povo de Deus, podemos dar àqueles que ainda não se encontraram com o Senhor! Abraços fraternos e até nossa próxima conversa!



Leandro Tinoco

PENSANDO MISSIOLOGICAMENTE

Parcerias Transformadoras na China: Missionários Estrangeiros e Líderes Autóctones

“

Inspiradas na liderança local da Igreja Primitiva, missões globais devem construir parcerias transformadoras entre missionários estrangeiros e líderes autóctones. No entanto, a trajetória das missões ocidentais modernas, iniciadas por William Carey, frequentemente gerou modelos colonialistas, marginalizando líderes nativos e impedindo a contextualização do Evangelho.

A rica história do cristianismo na China ilustra o papel vital dessas colaborações. Presente há séculos, desde os nestorianos em 645 d.C., a fé cristã viu missionários ocidentais como Morrison (1807) e Taylor (1854) encontrarem uma nação em turbulência sociopolítica, da dominação imperial ao comunismo e à abertura econômica. Sua população rural, a urbanização e o vácuo ideológico pós-marxismo impuseram desafios únicos.

Apesar do cenário desafiador, a Igreja Chinesa experimentou notável

avivamento, especialmente desde os anos 1980, transformando-se num vibrante movimento de igrejas domésticas rurais. Contudo, lida com deficiências estruturais, escassez de recursos e lacunas de liderança, fruto da perseguição histórica. Tal ambiente exige que missionários estrangeiros se engajem não como dominadores, mas como parceiros, aprendendo e capacitando líderes nacionais.

O fato é que, ao longo da história, o sucesso de muitos missionários estrangeiros na China foi significativamente amplificado por seus colaboradores nacionais. Essas parcerias foram além da mera tradução e adaptação cultural, fomentando a verdadeira liderança dentro da igreja local.

Exemplos notáveis incluem:

- Robert Morrison e Liang Afa: A tradução da Bíblia por Morrison foi grandemente auxiliada por Liang Afa, que se tornou um influente evangelista chinês.

• James Hudson Taylor e Xi Shengmo: A Missão no Interior da China (CIM) de Taylor foi pioneira na inculturação, e Xi Shengmo tornou-se um líder indígena fundamental que integrou as práticas cristãs com a cultura local.

• Charlotte Digges "Lottie" Moon e Teng Shih-yi: Os insights culturais de Teng Shih-yi ajudaram Lottie Moon a engajar e a evangelizar eficazmente as mulheres chinesas.

• Jonathan Goforth e Pastor Shi: A assistência do Pastor Shi na língua e cultura facilitou os movimentos de avivamento de Goforth, levando Shi a se tornar um líder respeitado.

• James O. Fraser e o povo Lisu: A colaboração de Fraser com indivíduos Lisu levou ao desenvolvimento de uma comunidade cristã Lisu autossuficiente e vibrante.

Esses precedentes históricos revelam os benefícios da capacitação da igreja nacional nas missões. Ajith Fernando afirma: 'Para verdadeiramente honrar a igreja nacional, devemos capacitá-los a liderar, equipá-los a servir e confiar que Deus trabalhará através deles para avançar Seu reino.' Isso transcende a mera estratégia pragmática;

Para além da capacitação local, essas parcerias são essenciais para a conexão da Igreja universal (catolicidade). A koinonia neotestamentária – profunda comunhão espiritual – une crentes globalmente. Fomentar essa unidade exige compreensão transcultural, pois a diversidade cristã enriquece o corpo global. Diálogo respeitoso, missões globais e o empoderamento de líderes locais constroem pontes, avançando o Reino de Cristo.

A encarnação é chave para práticas missiológicas eficazes: missionários devem imergir na cultura local, como Cristo, aprendendo língua e cosmovisão. Líderes nativos são cruciais na contextualização do Evangelho, garantindo que a mensagem ressoe profundamente sem comprometer a verdade bíblica.

A eficácia missionária reside na obra do Espírito Santo, que promove o crescimento (1 Coríntios 3:6-7). A perseverança nas missões deriva de profunda sensibilidade à Sua direção. Essencialmente, requer oração, estudo bíblico e discernimento da vontade divina em desafios complexos, exemplificado por Hudson Taylor. Esse discernimento, individual e comunitário, exige conselho de crentes maduros e estreita colaboração com igrejas e líderes locais.

Em suma, parcerias transformadoras entre missionários estrangeiros e líderes autóctones são vitais para um engajamento missiológico eficaz. O contexto chinês e seus desafios atuais ressaltam a capacitação da igreja nacional, a conexão do corpo universal de crentes e a sensibilidade à liderança do Espírito. Fomentando essas colaborações guiadas pelo Espírito, o Evangelho enraíza, floresce e transforma indivíduos e sociedades para a glória de Deus, celebrando a liderança de Cristo por servos estrangeiros e nativos.

”

Referências

- Aikman, David. 2003. *Jesus in Beijing: How Christianity Is Transforming China and Changing the Global Balance of Power*. Regnery Publishing.
- Austin, Alwyn. 2007. *China's Millions: The China Inland Mission and Late Qing Society*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing.
- Bays, Daniel H. 2012. *A New History of Christianity in China*. Wiley-Blackwell.
- Broomhall, A. J. 1981. *Hudson Taylor and the China Inland Mission*. London: Hodder and Stoughton.
- Broomhall, A.J. 1981. *Hudson Taylor and China's Open Century, Book One: Barbarians at the Gates*. London: Hodder & Stoughton / OMF International.
- Cromarty, Jim. 2018. *It Is Not Death to Die: A New Biography of Hudson Taylor*. East Sussex, UK: Day One.
- Crossman, Eileen Fraser. 1988. *Mountain Rain: A Biography of James O. Fraser, Pioneer Missionary to the Lisu People of Southwest China*. Singapore: OMF Books.
- Evans, Suzanne. 2021. *Negotiating for the Nation: Robert Morrison and Early Sino-British Relations*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- Fernando, Ajith. 2017. *The Call to Joy and Suffering: Embracing the Biblical Reality of Missions*. Wheaton, IL: Crossway.
- Goforth, Rosalind. 1986. *Goforth of China*. Minneapolis, MN: Bethany House Publishers.
- Lambert, Tony. 2006. *China's Christian Millions*. Monarch Books.
- Ruede, Emily. 2012. *Lottie Moon: Giving Her All for China*. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Spence, Jonathan D. 1990. *The Search for Modern China*. New York: W.W. Norton & Company.
- Taylor, Dr. and Mrs. Howard. 1932. *The Spiritual Secret of Hudson Taylor*. London: China Inland Mission/Hodder and Stoughton.
- Taylor, Geraldine. 2005. *Pastor Hsi, a Struggle for Chinese Christianity*. Great Britain: Christian Focus Publications.
- Taylor, Howard, and Taylor, Mrs. Howard. 1918. *Hudson Taylor and the China Inland Mission: The Growth of a Work of God*. London: Hodder and Stoughton.
- Taylor, Howard, and Taylor, Mrs. Howard. 1911. *Hudson Taylor in Early Years: The Growth of a Soul*. London: Hodder and Stoughton.

PLANTANDO IGREJAS



Christopher Alves

Desafios na plantação e revitalização de igrejas

“

Não sou vasto conhecedor do assunto pela prática ou pela pesquisa acadêmica, mas desde que iniciei o serviço ao Senhor como pastor presbiteriano (há cinco anos), Deus concedeu-me a oportunidade de trabalhar em dois contextos de igreja: nos primeiros quatro anos na revitalização de uma igreja durante a pandemia do COVID-19, de poucos membros e há dois anos sem pastor; e, atualmente, na plantação de uma igreja que estava fechada há mais de um ano.

Neste breve texto, meu intuito é compartilhar brevemente alguns desafios na plantação e revitalização de igrejas no contexto de uma grande cidade brasileira de comunidades de fé localizadas na periferia e na região central da cidade. Por isso, longe de ser um texto “normativo”, é apenas um retrato de desafios latentes dentro do contexto citado, sem a intenção de criar um ranking de importância ou “grau de dificuldade”.

Desafio 01: Contribuição no serviço prático e objetivo. A vida contemporânea, recheada de a fazeres profissionais e familiares impõe um gigantesco desafio na plantação de igrejas nos grandes centros urbanos brasileiros. O envolvimento dos irmãos no trabalho eclesialístico para auxiliar o plantio e a revitalização de igrejas é um grande obstáculo. Cada um está dotado de atividades profissionais, cuidados com a família, “hobbies”, lazer, etc. que fica quase impossível ter um espaço na agenda para dedicação para o trabalho de plantação e de revitalização. Por causa disso, o obreiro responsável pelo trabalho acaba se sobrecarregando e negligenciando aspectos importantes do ministério. Aspectos estes, já pontuados pelos apóstolos no início da igreja primitiva. Eles perceberam que não era certo negligenciar o ministério da Palavra de Deus, a fim de “servir às mesas” (At 6.2). Dentro do contexto insano de atividades dos membros da igreja, o obreiro local acaba se sobrecarregado “apagando

incêndio” em todas as áreas da igreja, o que não é saudável.

Desafio 02: Contribuição para a “visão”. A comunidade local precisa entender, amar, vivenciar e abraçar o projeto de plantação e de revitalização algo particular. O projeto não deve ser visto como “uma ideia do pastor”, mas como a vontade de Deus para o Seu povo. Os irmãos precisam compreender que a Igreja é a representação de Cristo na terra. Cristo não está mais presente fisicamente entre nós, Ele deixou seu povo como seus representantes neste mundo; e a Igreja, juntamente com a família, são as duas instituições que mais expressam Jesus neste mundo. Se os irmãos não entenderem isso, não verão a oportunidade de expressar a manifestação do Reino de Deus neste mundo.

Desafio 03: Contribuição da nova geração. Por serem locais já bastante evangelizados em termos de divulgação do Evangelho, um grande desafio que enfrentamos é a conversão genuína de jovens. Por acharem que tiveram um contato com as histórias bíblicas, o jovem pensa que teve um encontro pessoal com Cristo e que O conhece verdadeiramente. Mas, infelizmente, sua vida não foi modificada radicalmente.

O contato superficial com o Evangelho levou os jovens a uma falsa conversão. A geração atual é bastante desinteressada pela igreja.

Eles não entenderam que são a Igreja atual e futura. Se não despertarem para isso, num futuro próximo não haverá muitas pessoas para ocuparem as igrejas locais, sejam como membros saudáveis ou como líderes que estarão à frente do povo de Deus.

Essa geração tem se mostrado fraca em todos os sentidos. Jovens e adolescentes perdidos em meio à sua própria privacidade, em seus mundos particulares, entretidos e reclusos em suas próprias tribos reais e digitais. Este talvez seja o maior desafio presente e futuro das igrejas brasileiras.

—————”

COLABORE COM A PLANTAÇÃO DA IGREJA
PRESBITERIANA METROPOLITANA DE GOIÂNIA
PELO PIX:

igrejametropolitanagoiania@gmail.com



Antônio Marcos

RELATOS DO CAMPO

Missões entre os ciganos

"Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam para a glória de Deus"
(1Co 10.31)

“

A maioria dos cristãos conhecem o texto bíblico acima, ele aponta para a realidade de que existe algo maior em todas as nossas ações como indivíduos ou como igreja. Este algo não pode ser nada mais nem menos que a glória de Deus!

Por que fazemos missões?

Não fazemos missões simplesmente porque queremos converter o mundo ao cristianismo, bem que, como diria John Piper, "as missões existem porque a adoração não existe", e isso inclui os povos ciganos. O principal objetivo em fazer missões é a glória de Deus, isso envolve demonstrar o Seu amor, graça e perdão para aqueles que ainda não conhecem o poder do Evangelho em ação para a salvação de todos os que creem (Rm 1.16).

TODOS PECARAM (Rm 3.23)

Na cultura cigana, não existe o conceito de "pecado" no sentido tradicional cristão. O pecado, como uma transgressão de leis divinas, não se aplica diretamente ao entendi-

mento da cultura cigana, que possui seus próprios valores e regras morais baseados na tradição, na honra e na lealdade familiar. Existem comportamentos que são considerados negativos ou inadequados dentro da comunidade cigana, e que podem levar à exclusão social ou a punições dentro do próprio grupo. A Bíblia, no entanto, afirma que "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23), ou seja, não existe alguém no mundo ou em qualquer cultura que não cometa pecados.



Missionários Wallison e Antônio

A esperança para o ser humano é o Evangelho anunciado entre todos os povos. Se continuarmos lendo o texto bíblico em Romanos 3.24 diz, “Mas ele, em sua graça, nos declara justos por meio de Cristo Jesus, que nos resgatou do castigo por nossos pecados”

Nosso trabalho entre os ciganos da cidade de Caldas Novas (Go) tem sido o de testemunhar do Evangelho com a esperança de que todos ouçam e creiam nessa mensagem poderosa e transformadora.



Momento de visitação e oração



Silmar e sua família

O Silmar é um missionário cigano que tem dedicado a vida na plantação de uma igreja em uma das comunidades ciganas na cidade de Caldas Novas (Goiás), temos acompanhado esse irmão há mais de três (3) anos com visitas mensais e durante este período ele tem se mostrado fiel a Deus.

Ele visita praticamente todas as casas de sua comunidade para orar, aconselhar e pregar o Evangelho no meio de seu povo, e acompanha de perto as dores dos que sofrem, seja por doenças ou por qualquer outra necessidade. Para termos uma ideia, por duas (2) vezes na semana o prédio da igreja se torna uma espécie de posto de saúde para atender a população.

“Depois disso, o Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos e os enviou adiante, dois a dois, às cidades e aos lugares que planejava visitar. Estas foram suas instruções: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Orem ao Senhor da colheita; peçam que ele envie mais trabalhadores para seus campos”(Lc 10.1-2)

A nossa oração atualmente é para que o Senhor envie mais trabalhadores entre os ciganos, pois uma das maiores dificuldades no momento é que o Silmar ainda não conta com uma equipe de apoio dentro da própria comunidade e isso o faz se sentir por muitas vezes sobrecarregado.

Deus tem atendido às nossas orações e o próximo passo será organizar um Centro de Treinamento para capacitarmos o Silmar e outros irmãos (ãs) que ele tem visto qualificados e podem fazer parte da liderança da igreja. Visando não somente àquela comunidade, o nosso desejo é que através da vida desses irmãos, os ciganos das cidades como Morrinhos, Marzagão, Piracanjuba, Corumbaíba, Rio Quente, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Pires do Rio sejam impactados com o poder do Evangelho de Jesus Cristo.



Tenda de um jovem casal recém casados

Todas essas cidades possuem comunidades ciganas, algumas delas contam com poucos cristãos, outras ainda não há ao menos uma família servindo a Cristo Jesus. Junte-se a nós no maior empreendimento do mundo: levar a Palavra de Deus a todos os povos!

ORE! Pela família; Silmar, Andreia, Felipe, Rafael e pelo bebê que nascerá no mês de agosto. Ore pelo sustento do Silmar e de sua família.

Peça a Deus pela equipe da Reach (Antonio e Wallison) que se desloca de Goiânia a Caldas Novas. Que o Senhor nos dê orientação nos próximos passos.

Que o Senhor seja glorificado em todas as coisas! Amém!



REACH

Discipular líderes locais, capacitando-os a plantar igrejas fundamentadas nos princípios bíblicos e comprometidas com a saúde espiritual e doutrinária.

Promovendo a expansão estratégica do Reino de Deus em áreas onde o evangelho ainda não chegou ou é pouco conhecido.

Se junte a essa grande missão

Lolo
líder de campo
Amazonia

O compromisso da Reach

O propósito de Deus é que o Evangelho alcance todas as nações, conforme Jesus declarou: "Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim" (Mateus 24:14).

Embora muitos tenham acesso ao Evangelho por meio de cristãos ao seu redor, existem povos, etnias e línguas inteiras que vivem sem qualquer acesso à mensagem de Cristo.

Na Reach, nosso chamado é ir até os confins da terra, alcançando aqueles que nunca ouviram falar de Jesus. Trabalhamos pelo Rei, proclamando Seu nome onde a luz do Evangelho ainda não chegou, confiantes na promessa de que, quando todos ouvirem, o fim virá.

Como Fazemos

Discipulamos

Nossa principal atividade é fazer o que Jesus fez, discipulado de líderes, principalmente em lugares onde há pouca ou nenhuma presença do evangelho

Conectamos

Com contatos em mais de 20 países, estabelecemos ligações para nos tornarmos desnecessários - esse é parte do nosso objetivo. Ligamos as pessoas e as organizações às realidades onde podem ser mais úteis.



Mobilizamos

Damos treinamentos em 3 grandes áreas para sua igreja, agência, empresa ou organização. -

- Missionalmente - Curso de introdução a missões.
- Empreendedorismo Cristão - Como gerir um negócio ou empresa com valores do Reino.
- Conferência - Retorno do Rei.

Sustentamos

Trabalhamos em diversos países, onde, em alguns casos, o salário mínimo é de cerca de 250 USD. Nosso objetivo é liberar nossos líderes para dedicarem-se integralmente à missão, garantindo que suas famílias estejam plenamente sustentadas.

Creemos na verdade bíblica de que "o trabalhador é digno do seu salário" (1 Timóteo 5:18; Lucas 10:7), e por isso nos esforçamos para prover o necessário para que possam ir, servir e proclamar o evangelho sem preocupações materiais, focados na obra do Reino.

PIX CNPJ
24.687.335/0001-98

**BANCO BTG
PACTUAL (208)**
AG 0050
C/C 00586954-3

ADOTE UM
Missionário



<https://reachintl.org>



FUTUROS PASTORES E OBREIROS

PROGRAMA DE APOIO

Aos alunos bolsistas do InTeR

Apoie nossos alunos bolsistas e garanta:

- ☑ Formação de uma liderança teologicamente preparada
- ☑ Fortalecimento de comunidades de fé locais em várias partes do mundo
- ☑ Expansão missionária e intercultural
- ☑ Fomento à produção de conteúdo para discipulado autóctone
- ☑ Preservação da fé e do pensamento genuinamente bíblico



Conheça o curso!

 **(62) 9 9188-6767**

Goiânia - Goiás - Brasil

ACESSE:



InTeR

www.dialoguseditora.org/instituto-inter

Estude Teologia

na melhor plataforma de estudos EAD!

Prepare-se para
servir melhor sua
comunidade de fé!



✓ 100% online

✓ Material incluso

✓ Aulas ao vivo

✓ Horários flexíveis

✓ Sorteio de livros



Conheça o curso!

☎ (62) 9 9188-6767

Goiânia - Goiás - Brasil

ACESSE:



InTeR

www.dialoguseditora.org/instituto-inter

Jan/Fev

Alister McGrath
**PARA QUE
SERVE A
TEOLOGIA?**

Sabedoria, significado e beleza



Mar/Abr

**A TRINDADE,
AS ESCRITURAS
E A FUNÇÃO DO
TEÓLOGO**

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
TEOLOGIA EVANGÉLICA

KEVIN J. VANHOOZER

Mai/Jun

A
CULTURA
da TEOLOGIA
John Webster

Editores
Ivor J. Davidson
e Alden C. McCray



Jul/Ago

O PASTOR
COMO
TEÓLOGO
PÚBLICO

Recuperando uma
visão perdida

KEVIN J. VANHOOZER
E OWEN STRACHAN



Set/Out

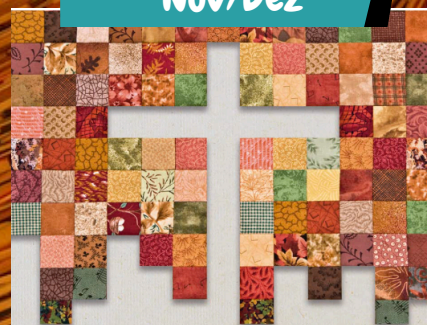
KEVIN J. VANHOOZER · JAMES K. A. SMITH
PETER J. LEITHART E OUTROS
ORGANIZADORES TODD WILSON & GERALD HIESTAND

**TORNANDO-SE
UM PASTOR
TEÓLOGO**



IDENTIDADE E POSSIBILIDADES PARA A LIDERANÇA DA IGREJA

Nov/Dez



Introdução à
**Teologia
Evangélica**

uma
análise
do tecido
teológico

RICHARD LINTS

VIDA NOVA

Clube

de

**Leitura
Teológica
2026**

Para quem é indicado?

- Para quem deseja se aprofundar no conhecimento teológico
- Para quem busca comunhão e diálogo teológico
- Alunos do InTeR
- Para quem quer desenvolver pensamento crítico

Inscreva-se e
receba as
informações
por e-mail

